



# Os Bárbaros no Ocidente

texto de Carlos Fabião  
fotografias de António Cunha

O declínio do Império Romano do Ocidente e as invasões bárbaras continuam a ser temas controversos. O simples facto de se convocarem estes dois conceitos – “declínio” e “invasão” – como duas faces da mesma moeda diz muito sobre a perspectiva tradicional que a investigação tende a matizar fortemente.

A noção de declínio do império está associada à ideia de que o sistema político romano se encontrava à beira do colapso. Na realidade, o império cristão, fraccionado em duas metades, uma ocidental e outra oriental, e dilacerado por constantes conflitos internos era bem diferente do império pagão dos três séculos anteriores. No entanto, em muitas regiões, entre as quais a Península Ibérica, não se identificam sinais de crise.

Quanto às invasões, torna-se necessário entendê-las no contexto da época. No início do século V, mais concretamente em Setembro de 409, alanos, vândalos e suevos instalaram-se na península. Vinham das margens do império romano, cruzaram a sua fronteira, como tantas vezes sucedera anteriormente, aproveitando-se de uma guerra civil que então lavrava. Deambulavam pela Gália há cerca de três anos e, ao que tudo indica, constituíam um problema para a região. Esta conjuntura constitui um factor importante, na medi-

da em que não é fácil dizer se houve uma verdadeira invasão ou uma instalação pactuada. Neste último caso, nem será despropositado supor que a tolerância demonstrada por uma das partes em litígio pela púrpura imperial constituiu mera opção táctica: remeter os bárbaros para a Hispânia, para resolver o problema mais tarde.

Convém não perder de vista o impacto desta penetração. Estima-se que os contingentes de bárbaros, que incluíam mulheres, crianças e idosos, ou seja, povos em movimento e não hordas guerreiras, seriam menos de 5% da população da península. Eram grupos de escassa coesão social, incipientes instituições políticas e escassa capacidade militar. Invadiram um território organizado, devidamente governado e ocupado por uma população muito mais numerosa, com os centros de poder sedeados em cidades fortificadas.

As fontes disponíveis são escassas e parciais. A mais importante, a “Crónica” do bispo Idácio de Chaves, oferece uma imagem apocalíptica da situação, ainda que não isenta de elementos contraditórios. Fala de chacinas e saques, mas também de uma epidemia de peste e de uma tremenda opressão do fisco e dos militares, o que sugere que as populações locais não estariam entregues a si próprias. Sublinhe-se que, para um autor cristão da época, o quadro apocalíptico seria uma prova de que se cumpriam as profecias.

*Em cima, um exemplar exuberante de um frontão, proveniente de Trigaxes (Beja), ostenta uma coroa funerária envolvendo uma roseta. Duas pombas guardam um fruto em forma de pinha. Desta coluna, proveniente de vale de Agueiro (Beja), conservam-se cachos de uvas e um entrançado de ramos de videira, alegorias prováveis à cultura vinícola durante a ocupação visigótica do actual Alentejo.*



Seguiu-se um conturbado período, marcado por confrontos pontuados por intervenções de tropas imperiais, acompanhadas por visigodos, que serviam então nos exércitos do império, não faltando intervenções de altos dignitários da Igreja na mediação dos conflitos. Os vândalos, que tinham assimilado o que restava dos alanos, acabaram por passar ao Norte de África, em 429, onde se fixaram. Na Península Ibérica, constituiu-se um reino suevo no Noroeste, com a capital em Bracara (Braga), e o restante território parece ter ficado entregue a si próprio, mantendo as suas formas de organização e governo, sob um vago protectorado visigodo. Entretanto, o império romano do Ocidente desagregou-se em 476.

Depois de batidos pelos francos, os visigodos confinaram-se ao espaço peninsular, onde mantiveram relações tensas com os suevos. Em me-

dos do século VI, o império do Oriente, sob o governo de Justiniano, empreendeu tentativas de recomposição da velha unidade, com expedições sobre a Itália, o Norte de África e Península Ibérica. Neste último território, acabaria por se constituir uma nova província, a Spania, confinada às orlas costeiras levantina e meridional.

Este é o cenário histórico dos “séculos escuros”. O registo arqueológico, porém, oferece uma perspectiva distinta. Por exemplo, o bispo Idácio afirma que, em 468 a cidade de Conímbriga foi saqueada e que a região se transformou num deserto. No entanto, a investigação arqueológica não o confirma e, sabemo-lo por outras fontes, a cidade era ainda sede de bispado em meados do século VI, como sedes episcopais eram também muitas das antigas cidades que, tudo o indica, continuavam a ser os principais centros de

poder. Verificamos que continuam a chegar a estas paragens ocidentais as cerâmicas finas e as ânforas, fabricadas no Norte de África, já sob o domínio vândalo, mas sem quebras assinaláveis na exportação. Do Oriente, chegavam também cerâmicas finas e ânforas, difundidas pelas áreas costeiras do velho império até paragens distantes.

No espaço hoje português, a presença destes artigos exóticos não se confina aos centros do litoral. Estão também documentados em locais de interior e em núcleos rurais. Não só se mantinha a função redistribuidora das cidades, como permaneceria intacta a rede de comunicações que a sustentava. Estas cerâmicas encontradas em escavações arqueológicas são apenas a ponta de um icebergue comercial, que incluiria outros artigos perecíveis, cuja existência conhecemos por referências na literatura da época. De que modo participava o Ocidente da Península Ibérica nesta rede de trocas comerciais?

A resposta encontra-se, por exemplo, no extraordinário sítio arqueológico de Tróia. Ali, desde os primórdios da época romana, existiram instalações dedicadas ao fabrico de condimentos de peixe, exportados para diversas regiões. O local é totalmente inóspito, pelo que a sua ocupação só é justificável pela exploração dos recursos marinhos. Justamente nos meados do século VI foi ali construído um imponente edifício de culto, com as paredes revestidas de estuques pintados, eloquente prova da sua prosperidade.

Conhecemos em outras paragens edifícios religiosos erguidos nesta mesma época, por exemplo, em Mértola, cidade cuja relevância esteve sempre associada à sua localização privilegiada, no limite da navegabilidade do Guadiana, a partir do mar; em Egitanea (sob a actual Idanha-a-Velha); Viseu ou Dume, nas imediações de Braga. Mas também em sítios rurais como nas *villae* de

Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), Monte da Cegonha (Vidigueira), Silveirona (Estremoz) ou Torre de Palma (Monforte). Apesar de destruições e abandonos, houve continuidade dos modelos de povoamento da época romana, pelo menos até meados do século VI.

A conjugação de dados arqueológicos e literários revela uma Península Ibérica aberta e integrada nas redes de circulação de mercadorias, mas também de gentes e ideias. É evidente que os prelados peninsulares acompanham e participam nas polémicas teológicas do seu tempo. Um João de Biclara, natural de Santarém, onde nasceu em meados do século VI, estudou em Constantinopla antes de regressar ao

Ocidente e desempenhar importantes funções eclesiásticas. Outra personalidade relevante da época, Martinho de Dume, natural da Panónia (na actual Hungria), fixou-se na corte sueva, também em meados do século VI. Finalmente, os epitáfios funerários de Mértola mostram uma sociedade aberta e cosmopolita, com inscrições em

latim e em grego e a presença de judeus.

Na segunda metade do século VI, a Península Ibérica acabaria por ser unificada sob domínio visigodo. Na centúria seguinte, acentuam-se os sinais de mudança. A cunhagem monetária dos reis godos e as sedes episcopais continuam nas principais cidades, mas os sinais de mudança multiplicam-se. Tornam-se raros os indícios de actividade edilícia, escasseiam os epitáfios funerários, praticamente desaparecem os indícios de relações comerciais externas. Apesar da acção legislativa, a monarquia visigoda não parece ter logrado criar modelos de estabilidade política e institucional.

No início do século VIII, quando o exército islâmico desembarcou no Sul da Península o reino visigodo era uma entidade frágil. Tornara-se incapaz de se opor aos novos “invasores”. □



#### ROTEIROS SUÉVICOS E VISIGODOS

No roteiro nacional dos lugares relevantes da Antiguidade Tardia, assumem especial relevo, de norte para sul:

- ★ Capital sueva
- ⊗ Templo ou mosteiro
- ⌚ Muralha
- ⊙ Cidade
- 🏠 Villa
- 🏭 Indústria
- 🏛️ Museus com espólio visigótico

*Exemplares do “tesouro visigótico”, estas jóias e a famosa espada descoberta no concelho de Beja estarão patentes na exposição de Veneza dedicada ao legado bárbaro na Europa Ocidental. A partir do final deste mês, o Museu Nacional de Arqueologia exibirá “Sit Tibi Terra Levis: Rituais Funerários Romanos e Paleocristãos no Território Português”*